

**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DE BELO
HORIZONTE FACISA-BH
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM PSICOLOGIA
TRANSPESSOAL**

RODRIGO MEIRELES DOS SANTOS

**PROCESSO DE MORTE E RENASCIMENTO NA PSICOLOGIA
TRANSPESSOAL: uma análise a partir da cartografia da consciência de Ken
Wilber**

Belo Horizonte

2016

RODRIGO MEIRELES DOS SANTOS

**PROCESSO DE MORTE E RENASCIMENTO NA PSICOLOGIA
TRANSPESSOAL: uma análise a partir da cartografia da consciência de Ken
Wilber**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação *lato sensu* em Psicologia Transpessoal apresentado na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte – FACISABH, como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

ORIENTADORA: Nádya Fernandes de Souza

Belo Horizonte

2016

Rodrigo Meireles dos Santos

**PROCESSO DE MORTE E RENASCIMENTO NA PSICOLOGIA
TRANSPESSOAL: uma análise a partir da cartografia da consciência de Ken
Wilber**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte –
FACISABH - como requisito parcial para conclusão da Pós-graduação *lato sensu* em
Psicologia Transpessoal.

Professora Nádia Fernandes de Souza

Belo Horizonte

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho aos buscadores de
expansão da consciência e a todos que me
apoiaram na confecção desse trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais pelo constante apoio no estudo dessa área tão desconhecida a eles.

A minha orientadora que aceitou me acompanhar nesse processo de crescimento intelectual e espiritual passando toda sua sabedoria e aconselhamento com muita paciência e carinho.

Aos meus amigos que me incentivaram a procurar por uma especialização na área de meu interesse e sempre estiveram me apoiando em todos os momentos da vida.

A minha maravilhosa e amada companheira que acompanhou com muito carinho e amor o processo de confecção desse trabalho.

Aos colegas de minha turma no Instituto Renascer da Consciência que passaram por todo o processo de crescimento pessoal e intelectual comigo e se tornaram grandes irmãos de luz.

A toda equipe do Instituto Renascer da Consciência que sempre foram muito receptivos e me apontaram os caminhos para encontrar minha própria trajetória..

RESUMO

O presente trabalho analisará o conceito de morte e renascimento do ego para a Psicologia Transpessoal e fará uma comparação com o modelo de cartografia da consciência pensada e elaborada por Ken Wilber. Por meio de uma revisão bibliográfica o demonstra-se todos os processos de formação da cartografia da consciência ou espectro da consciência, para Ken Wilber, desde sua estruturação inicial até sua formação total e relacionou teoricamente com o conceito clínico de morte e renascimento para diversos autores. Essa relação se dá principalmente nas mudanças de níveis da consciência, descritos por Wilber, o qual é facilmente relacionável com o conceito de Morte e Renascimento, podendo encontrar explicitamente todas as angústias similares envolvidas no processo tal como uma mudança constitutiva na construção do ser. Nota-se, no vigente trabalho, que os conceitos estão intimamente ligados e podem ser claramente relacionados para um possível desenvolvimento da teoria Transpessoal, tanto na parte clínica quanto teórica.

Palavras-chave: Cartografia da Consciência; Espectro da Consciência; Ken Wilber; Morte e Renascimento do Ego; Psicologia Transpessoal.

ABSTRACT

The current work is going to analyze the concept of Death and Rebirth of the Self for Transpersonal Psychology and will compare it to consciousness cartography's model, elaborated and developed by Ken Wilber. By means of a literature review the author is going to demonstrate all of the processes of formation of the cartography of conscientious or spectrum of consciousness, for Ken Wilber, since its initial structure until its total formatting and relate theoretically with the clinical concept of Ego, Death and Rebirth of Self by several authors. This relation occurs mainly on the changes of consciousness levels, described by Ken Wilber, which is possible to relate to the concept of Death and Rebirth of Self, finding explicitly all the similar distresses involved in the process such as a constitutive change on the construction of being. It is noticed, in this work, that the concepts are intimately connected and can be clearly related for a possible development of Transpersonal Theory, such clinical as theoretical.

Keywords: Cartography of Consciousness; Ken Wilber; Spectrum of Consciousness; Death and Rebirth; Transpersonal Psychology

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura. 1 O Espectro da Consciência.....	18
Tabela 1 Quadro de Sentimentos e Correlatos das sombras.....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A CONSCIÊNCIA EM KEN WILBER.....	11
2.1 A Formação do Espectro da Consciência.....	18
2.2 Processo de Expansão da Consciência	22
3 MORTE E RENASCIMENTO DA CONSCIÊNCIA.....	28
4 O CONCEITO DE MORTE E RENASCIMENTO EM KEN WILBER	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Diversas ciências do conhecimento, nos dias atuais, têm se preocupado com o problema do sofrimento que, como nunca na história, está em destaque na sociedade. Áreas com um enfoque mais biológico como a Medicina, a Fisioterapia e a Nutrição se preocupam prioritariamente com o sofrimento físico das pessoas. Áreas como Sociologia, Antropologia e Ciências Sociais dão enfoque aos sofrimentos relacionados à forma em que a sociedade está estruturada. A Psicologia e a Psiquiatria dão ênfase às angústias e ao psiquismo do ser humano. Já a espiritualidade e seus sofrimentos ficam sob responsabilidade das religiões e crenças espirituais. Portanto explicações diferentes são dadas, em todo momento, para as possíveis causas das diversas maneiras de sofrer.

O presente trabalho visa, então, trabalhar com o conceito de morte e renascimento dentro da Psicologia Transpessoal e fazer uma relação de tal conceito de acordo com a obra de Ken Wilber. Com o objetivo de relacionar um conceito de grande importância para o entendimento humano com uma teoria de grande relevância para o estudo da consciência.

Para tal, conceitua-se consciência e seus diversos níveis a partir de Wilber, para um primeiro contato com o conceito de Espectro da Consciência, que permeará todo o trabalho. Após esse primeiro passo, será feito um breve esboço da visão do autor sobre formação desse espectro. E após, exibirá como acontecerá o processo de expansão da consciência presa no Espectro direcionando para uma cura e, conseqüentemente, já relacionando as diversas escolas de psicoterapias encontradas hoje no ocidente.

Diante desta proposta, pretende-se analisar o conceito de Morte e Renascimento no interior do processo de expansão da consciência de Ken Wilber, conseqüentemente já relacionando também com aspectos presentes na clínica ocidental e com relações com outros autores de grande expressão da área Transpessoal.

2 A CONSCIÊNCIA EM KEN WILBER

Dentre vários conceitos que tangem as preocupações teóricas de Ken Wilber, a sua noção da consciência humana é um das mais elementares para o entendimento de sua obra e, conseqüentemente, da teoria da Psicologia Transpessoal. Para ele a consciência onde o indivíduo está em contato em seu cotidiano, isto é, a consciência racional da vigília, é apenas uma parte de toda a possibilidade do fenômeno presente no ser humano (WILBER, 2010).

Este conceito é chamado de espectro da consciência, pois, em sua concepção, ela está em constante mutação, um fluxo energético contínuo e, durante as suas existências, as pessoas se identificam com diversos níveis destes. William James¹ considerava que os seres humanos entram em contato com diversos tipos de consciência durante suas vidas; como a vigília, o sono, os sonhos e que esses aspectos necessitam ser considerados para uma explicação completa da mente humana (SALDANHA, 1999).

Dessa forma, Wilber (2010) em seu livro “O Espectro da Consciência”, faz uma comparação do conhecimento atual da consciência com o anterior das descobertas da física ondulatória, onde os físicos do início do século XX ainda pensavam na existência apenas das ondas visíveis, como as cores, e com o avanço dos estudos e tecnologias foram encontradas outras formas de manifestações das mesmas, que hoje são as conhecidas ondas ultravioletas, raios X, raios gama, calor infravermelho dentre outras. As únicas reais diferenças encontradas pelos pesquisadores foram as suas variações de comprimentos, porém as principais propriedades que as caracterizavam como ondas permaneciam as mesmas, fazendo os físicos da época, dessa forma, mudarem suas visões sobre um mesmo fenômeno.

Assim sendo o estudo a consciência, se comporta de maneira similar às ondas estudadas pelos físicos, já que ela também possui diversas formas de manifestações não visíveis e não explícitas para a consciência de vigília. Dessa forma o homem não deve se ater ao estudo apenas do tipo de consciência racional, por ser apenas uma manifestação específica de todo um espectro e, ao se focar e considerar realidade apenas uma parte de toda forma de manifestação, deixa de considerar aspectos essenciais para o conhecimento holístico. Com isso, propõe-se este questionamento e o estudo aprofundado das diversas formas de manifestação da consciência para um melhor entendimento e desenvolvimento do estudo da subjetividade humana.

¹William James foi um dos fundadores da psicologia moderna e importante filósofo ligado ao pragmatismo. Ele escreveu diversos livros conceituados sobre a então jovem ciência da psicologia, sendo um dos formuladores da psicologia funcional.

Em seus estudos Wilber (2010) classifica o espectro da consciência em três grandes níveis principais: Nível da Mente, Nível Existencial e Nível do Ego. Dentro destes aborda-se também níveis menores, porém não de menos importância, que são: O Nível Biossocial, o Nível da Sombra e também as Faixas Transpessoais (WILBER, 2010). Para cada nível ele deu características específicas na forma de seu desenvolvimento e manifestação.

Essa cartografia da consciência, anteriormente mencionada, dividia em níveis de consciência, foi elaborada e estabelecida por Wilber. Porém para fazê-lo, tomou por referência inúmeros pesquisadores e tradições espirituais ocidentais e orientais que se preocuparam intensamente ao estudo e desenvolvimento da consciência e que, de certa forma, construíram classificações (cartografias) semelhantes para o fenômeno antes descrito, dentre eles Dr. Hubert Benoit, Wei Wu Wei, a tradição do Budismo Yogacara, o já mencionado William James, D. T. Suzuki, Stanislav Grof, Roland Fischer, Carl G. Jung, Shankara, Roberto Assagioli, John Lilly, Bucke. Porém, o autor deixa claro em seus estudos que, até as áreas de estudos da psicologia ocidental como a Psicanálise, o Behaviorismo, a Gestalt, apesar de não abrangerem todos os níveis de consciência, estão preocupadas com problemas relativos a um determinado nível específico (WILBER, 2010).

O Nível do Ego, pela categorização de Wilber (2010), está relacionado a todos os aspectos conscientes e inconscientes da psique individual do ser humano. Ele está diretamente relacionado à noção de estar separado do mundo, do corpo, da sociedade e até de uma parte de sua própria mente. Este nível está ligado diretamente às imagens que os seres humanos constroem acerca de si mesmos, ao aspecto racional e intelectual de suas mentes e a de suas capacidades discriminativas e analíticas. Em suma, é a consciência de vigília e as reações inconscientes pessoais. Dentro desse nível pode se afirmar que os indivíduos constroem todos os seus mapas mentais para o estabelecimento de um conceito de um eu (ego) e onde surgem os principais sofrimentos e neuroses que serão abordados posteriormente (WILBER, 1998).

Dentro do Nível do Ego, Ken Wilber faz referência ao Nível da Sombra ou Nível da Persona. A caracterização deste se dá quando o ser humano se identifica apenas com uma pequena parte de sua existência e cria, assim, uma identificação parcial com processos específicos que considera conscientemente fazer parte de seu ser, desconsiderando outros e, com isso, estabiliza uma autoimagem irreal sólida, negando, dessa maneira, os aspectos negativos e positivos também pertencentes a sua psique. Citando Ken Wilber (1998, pag 115):

A persona é uma autoimagem mais ou menos imprecisa e empobrecida. É criada quando o indivíduo tenta negar para si mesmo a existência de determinadas tendências suas, tais como a raiva, a agressividade, os impulsos eróticos, a alegria, a hostilidade, a coragem, o impulso, o interesse e assim por diante. Mas, por mais que ele tente negar essas tendências, elas dificilmente desaparecem (WILBER, 1998, pag 115).

Ao se identificar com apenas uma parte limitada de seu ser, cria uma noção de eu (ego) mais limitado ainda, ocasionando na projeção negativa ou positiva de aspectos de psique, que não se identifica, em outras pessoas, instituições, ocasiões, ou seja, se sentindo um sujeito alheio a toda situação específica causadora de sofrimento. Tanto que, para Wilber (2010, pág 161):

Todas (escolas de psicologia e psiquiatria) endossam a mesma premissa básica, a saber, que o homem não tem a menor percepção de alguns aspectos do seu “eu”, está alienado ou inconsciente deles, ou sua comunicação com eles é confusa (WILBER 2010, pág 161).

A consequência dessa falta de percepção é a criação de uma idealização de aspectos positivos da psique do indivíduo em outras pessoas ou, por negar aspectos negativos de si mesmo, acabar observando e julgando, em outros, as suas próprias dificuldades ou características que não quer, ou não consegue entrar em contato e, assim, começa a se afetar, se incomodar e sofrer por comportamentos que não se identifica. Gerando, dessa forma, um distanciamento entre sujeito e objeto, ou seja, sujeito-ocasião ou sujeito-pessoa.

Entre o Nível do Ego e o Nível Existencial está localizada a Faixa Biossocial como citado anteriormente. Nessa faixa de desenvolvimento da consciência estão localizados os dualismos mais salientes como a vida e a morte (passado e futuro), o eu e o outro (do organismo e do meio ambiente) (WILBER, 2010). Nessa faixa estão localizadas, ainda, influências de fatores sociais e biológicos que aparecem por meio de valores sociais, tabus familiares, culturais ou estruturas em que os seres humanos criam identificações com aspectos não individuais, diferentemente do que acontece no Nível do Ego, pois estes são aspectos sociais e coletivos.

Juntamente com o Nível do Ego, o Nível Existencial constrói os grandes níveis em que ainda há a noção de separatividade explícitas da percepção do ser com o meio ambiente, com o todo, ou percepção não dual, de Unidade. O Nível Existencial compreende uma forma de organismo total, onde o ser humano se identifica não somente com a sua psique consciente e inconsciente, mas também passa a se identificar como organismo completo, é a união de soma (corpo) e psique (mente) (WILBER, 1998). A pessoa se identifica, dessa forma, não somente com seu ego, mas também com as premissas biológicas e culturais que envolvem toda sua

existência e, dessa forma, se constitui como ser. Envolve, também, o que a pessoa sente quando evoca o simbólico da autoimagem em sua vida (WILBER, 2010).

Esse Nível é também conhecido como Nível do Centauro pois o ser humano, no nível do Ego, é referenciado por Wilber como se tratasse seu próprio corpo como um cavalo e estaria nele montado.

Citando Ken Wilber (1998, pág 134):

De fato (quando estou experienciando o nível do Ego), pareço estar sentado sobre meu corpo quase como se fosse um cavaleiro guiando um cavalo. Eu lhe bato e o acaricio, alimento-o, limpo-o e cuido dele quando necessário. Eu o instigo sem consultá-lo e trato de freá-lo contra sua vontade. Quando meu corpo-cavalo se comporta bem eu geralmente o ignoro; mas quando fica rebelde – o que acontece com frequência – tiro o chicote para golpeá-lo até que se submeta a razão (WILBER 1998, pág 134).

No Nível do Centauro, o ser humano se sente fazendo parte do cavalo, ele é o cavalo, se mistura com o animal e se torna um ser centauro. Quando está identificado com o animal que habita em si, as frases coloquiais referentes a “meu corpo” que as pessoas utilizam tornam-se “eu” (WILBER, 1998). Dessa forma a noção de ego não está mais localizada no interior da mente, da cabeça ou do cérebro, mas sim no interior de um corpo com todas suas premissas biológicas e sociais envolvidas. Pode-se dizer que esse nível surge posteriormente ao nível do Ego e, por isso, há uma evolução de consciência e também vale deixar ressaltado que a evolução da consciência não é dada ao se dar primazia ao corpo em detrimento ao ego, mas sim devido à integração de ego-corpo. (WILBER, 2010)

Avançando no desenvolvimento da consciência o autor, descreve que entre o Nível Existencial e o Nível da Mente se encontram as Faixas Transpessoais. Esse nível de consciência estaria relacionado a experiências não facilmente identificadas com o modo usual de consciência (consciência de vigília) e sim com experiência mais marcantes e inusitadas que a consciência pode alcançar (WILBER, 2010). Exemplos relativos a esse nível do espectro que Wilber, em seu livro *Espectro da Consciência* oferece, são as viagens astrais, clarividências, percepção extrassensorial, clariaudiência, reviver vidas passadas ou projeções a vidas futuras (WILBER, 1998). Entretanto, apesar da ciência ocidental considerar esses fenômenos como patológicos, não o são para esse novo modelo de psicologia, dependendo somente de uma orientação adequada para o enfrentamento dessas manifestações da consciência, para que sejam potencializadas e integradas na psique humana, para uma evolução da consciência de forma sadia e centrada.

As Faixas Transpessoais são os níveis nos quais o ser humano, no desenvolvimento da consciência, chega mais próximo da dissolução da dualidade sujeito-objeto sem ainda alcançar o Nível da Mente. Um grande avanço para soluções de conflitos inidentificáveis pela consciência racional e que, com encaminhamento adequado, poderiam ser levados à simbolização de tais imagens, integralização identificação de problemas pela consciência organísmica.

Nesse nível de consciência, seguindo o mesmo molde de exemplo, também são encontradas as experiências arquetípicas, descritas por Jung como sendo aquelas experiências em que o ser humano entra em contato com um mito proveniente de aspectos básicos da psique humana, onde todos os seres estariam em contato com um inconsciente que abrangeria para além do inconsciente individual, o inconsciente coletivo, onde estariam localizados os arquétipos, para Jung, 2000; pág 122:

A outra parte do inconsciente é o que denomino inconsciente impessoal ou coletivo, como o nome indica, o seu conteúdo não é pessoal, é coletivo; quer dizer, ele não pertence a um individuo apenas, mas a todo um grupo de indivíduos e, em geral, a uma nação inteira, ou mesmo à totalidade do gênero humano. Esse conteúdo não se adquire durante a vida do indivíduo, mas é o produto de formas e instintos inatos. Embora a criança não possua ideias ingênicas, possui, apesar disso, o cérebro altamente desenvolvido, que funciona de modo bem definido, herdado dos seus antepassados; é um depósito de atividades psíquicas de toda raça humana. A criança, portanto, traz com ela um órgão pronto para funcionar da mesma maneira com que funcionou durante toda a história humana. No cérebro, os instintos são performadosos, como o são de imagens primordiais que sempre constituíram a base do pensamento do homem (JUNG, 2000; pág 122).

Portanto muitas das experiências consideradas como psicopatologias no ocidente, pelos diversos manuais de classificação de doenças psiquiátricas elaborados por psicólogos e médicos psiquiatras, podem estar relacionadas a esse contato com conteúdos arquetípicos que se manifestam na psique humana de forma abrupta. Por outro lado, diversas experiências, também relacionadas a essas faixas Transpessoais, são de total júbilo para quem as experiencia. São as chamadas Experiências Culminantes, denominação dada por Abraham Maslow² (1962) a experimentos alcançados durante a vida das pessoas em que há uma identificação com o todo, um contato, mesmo que momentâneo, com o Nível da Mente.

² Abraham Maslow foi um psicólogo americano, conhecido pela proposta Hierarquia de Necessidades Humanas Básicas.

Tais experiências foram abordadas e denominadas por diversos autores que estudam a psique humana como Weil (1989), o qual faz a listagem de algumas principais denominações: Experiência Cósmica, Experiência Mística, Êxtase Místico, União Estática, Experiência Transcendental, Consciência Objetiva, Estado de Graça, Estado de Beatitude, Estado de Contemplação, ASC (*Altered State of Consciousness de Tart*), Experiência de *Plateau*, Satori, Experiência Psicodélica, União Transformante, dentre outras.

Wiel (1989, pág. 19) caracteriza também, nesse mesmo livro, essas experiências:

A experiência é acompanhada de sentimentos de profunda paz, plenitude, amor a todos os seres. Compreende-se de relance o funcionamento e a razão de ser dos universos, a relatividade das três dimensões do tempo e do espaço, a insignificância e ilusão do mundo em que vivemos, os erros monumentais cometidos por muitos seres humanos... a morte é vista apenas como uma passagem para outra espécie de existência e o medo dela desaparece totalmente... constitui o início de uma profunda transformação no sentido dos valores mais elevados da humanidade. Acontece em momento inesperado (WIEL, 1989, pág. 19).

As características dessas experiências são enfatizadas, também por Wilber (2010) e se encontram, em sua denominação, dentro das Faixas Transpessoais de Consciência e elas, em sua manifestação, podem significar um grande passo em direção ao desenvolvimento da consciência humana ao Nível da Mente.

O Nível da Mente, próximo nível da evolução da consciência, na cartografia da consciência de Wilber, é uma transcendência da forma usual de conhecer a consciência e a mente. Estaria ligado a uma conceituação mais aproximada de tradições filosóficas e espirituais orientais (hinduísmo e budismo) e estaria relacionada a uma forma de conhecimento não-dual do mundo, ou seja, quando a pessoa se sente indiferenciada do meio em que vive, ou, em outras palavras, a separação sujeito-objeto se extinguiria. Wilber (2010, pág 91) explica melhor essa conceituação:

Se quisermos tentar ultrapassar os confins do eu individual, descobrir um nível ainda mais rico e mais pleno de consciência, procuremos aprender com aqueles investigadores – em sua grande maioria “orientais” – do Nível da Mente, da percepção mística, da consciência cósmica . (WILBER, 2010, pág 91).

Esse nível surge como uma mudança drástica de visão de ser habitual, usual, separado do mundo. Está ligado à transcendência da visão egóica e retoma o contato direto a parte espiritual presente em todo ser, com o inexplicável racional e conscientemente, com o todo. Quando a pessoa entra em contato, mesmo que por curto período de tempo, com esse nível de

consciência, geralmente muda sua postura e relação a princípios básicos de sua vida, mudando suas prioridades (WEIL, 1989).

Como dito anteriormente por Wilber (1998), para abordar esses níveis de consciência de forma mais precisa, seria necessário recorrer a tradições espirituais de origem oriental para dar uma melhor explicação. Se assim for possível, da visão de mundo desse nível de consciência. Muito ligado à visão de Nirvana, do budismo, que seria a liberação de todos os apegos, todas as crenças e visões que nos iludem do mundo, a visão do Nível da Mente se torna de difícil explicação na forma da ciência positivista ocidental, quase inefável.

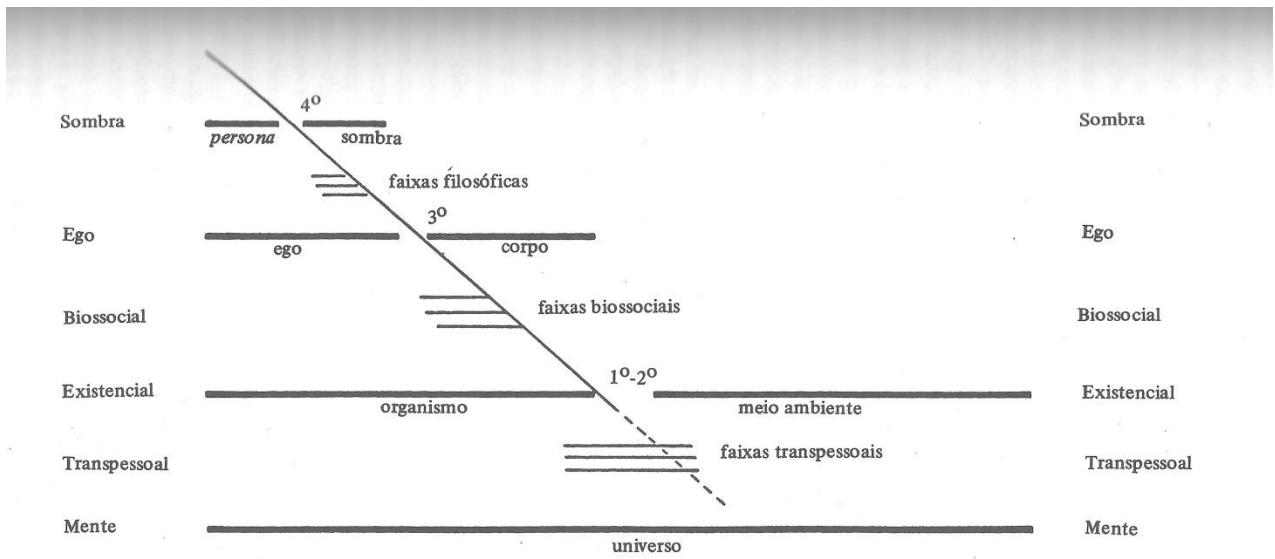
A dificuldade de expressar essas experiências como modo de apreensão da realidade se dá pelo fato do ser humano, ao construir uma linguagem, construir junto uma grade de simbolismos limitados para expressar o sentimento com a unidade o que, por si só, na concepção de Wilber (2010), já é equivocado da experiência em si. Pode-se dizer, então, que a vivência da experiência, durante o Nível da Mente, o ser humano está completamente presente em suas atividades e em tudo que está acontecendo naquele exato momento, não se sentindo separado do meio que existe.

Estar em contato com o Nível da Mente, para Wilber, é estar em no estado máximo da evolução consciencial, onde todos os processos obnubilados passam a ser esclarecidos e trabalhados na mente e, a partir do conhecimento e sentimento de não diferenciação com o objeto (levando a consideração sujeito-objeto), o ser humano passa a viver mais plenamente o “agora” sem influências diretas de pensamentos e ideias destrutivas advindas do passado ou projeções para o futuro.

Vale salientar também a importância de todos os níveis de consciência por ele citados para a explicação da complexidade do ser humano. Dado que pesquisadores orientais e ocidentais se preocupam com enfoques diferentes para uma cura do ser e produzem grandes resultados em todas suas formas de lidar com os problemas que surgem em diferenciados contextos específicos da vida dos humanos, ou seja, diferentes níveis de consciência. Porém, nenhum este é considerado de maior importância que o outro a ser estudado e trabalhado, mas sim são aspectos diferentes do desenvolvimento humano. O trabalho em cada item, dessa forma, se dará através das buscas individuais do sujeito que anseia de acompanhamento terapêutico ou crescimento individual e espiritual.

Para conclusão deste subcapítulo será exposta uma ilustração da cartografia da consciência elaborada por Ken Wilber (2010, pág 103) retirada do livro “O Espectro da Consciência” que exemplificará, de forma clara as divisões dos níveis da consciência:

Fig. 1 O Espectro da Consciência



Fonte: Ken Wilber (2010, pág 103)

2.1 A Formação do Espectro da Consciência

O desenvolvimento do espectro antes descrito, para Wilber, se dá de forma gradual a partir das dualidades que as pessoas, durante seu desenvolvimento físico, social e mental, vão construindo mentalmente a partir do aprendido de forma social ou experiencial (WILBER, 2010). Essas dualidades mentais se desenvolvem no ser humano e geram, como consequência, o espectro, ou seja, a consolidação dos níveis descritos no capítulo anterior. Por isso, o processo inverso, ou seja, a desconstrução dessas dualidades limitadoras seria o caminho apontado por ele para o desenvolvimento e expansão da consciência que será abordado no próximo sub-tópico.

Para entender a cartografia da consciência elaborada por ele, será necessária primeiramente nesse subtópico do capítulo, uma exposição de como acontece o desenvolvimento e a formação do espectro na visão do autor. Essa exposição impulsiona o entendimento do processo de expansão da consciência a partir da desconstrução das dualidades anteriormente construídas.

Wilber (2010) acredita que os seres humanos nascem com um nível de consciência muito próximo ao Nível da Mente, ou seja, aproximados de uma mente não-dual, sem separatividade real entre o sujeito e o ambiente, entre o eu e o outro, vivendo somente sua experiência do momento. Porém, ao nascer, o ser humano, por já estar envolto por mapas mentais

construídos desde sua gestação pelos seus pais, constrói, desde sua mais tenra infância, uma estrutura simbólica de separação com o mundo, ou melhor, com o primeiro objeto que se vê separado, no caso, sua mãe, o que é o causador, para Wilber (2010), do primeiro dualismo encontrado no ser humano, a separatividade eu-mundo. Criando-se, dessa forma, dois mundos a partir de um, ou seja, o mundo da criança e o mundo fora criança. Citando Wilber (2010, pag. 89):

É precisamente esse ato original do rompimento que cria o universo fenomênico que ora nos interessa: o primeiro movimento, por cujo intermédio “cortamos um espaço”, criamos dois mundo a partir de um e pousamos diretamente num mundo de aparências... epistemologicamente, é a separação do conhecedor do conhecido; ontologicamente, a separação do infinito ao finito; teologicamente é o pecado original; a geral, podemos referir-nos a ele como a cisão ilusória entre o sujeito e o objeto.

Essa cisão, então, representa a entrada do humano ao mundo dualístico, onde a pessoa se enxerga diferente do meio em que vive e, aliado a todas as representações externas que são impostas a ela, se identifica como pessoa separada e diferenciada do todo. Cria-se, a partir dessa cisão, um mapa mental sobre essa identificação primária e, dessa forma, a pessoa se vê representada no mundo (WILBER, 2010). Pode-se dizer, então, que há o surgimento do espectro.

Vale ressaltar que o Dualismo Primário, termo pelo qual ele denomina essa primeira separação, não acontece uma vez somente, mas está acontecendo em todo momento que o homem se vê separado, fora do Nível da Mente. Reforça-se esse pensamento de separatividade porque a própria noção de tempo passado, presente e futuro, fazem parte do processo de separação e categorização da Realidade advinda desse processo de criação do dualismo (WILBER, 2010).

A partir do processo de dualismo primário surge o Nível Existencial, onde a identificação do indivíduo passa a ser com todo seu organismo. Nesse nível, já sofrendo todas as consequências do dualismo primário, o homem se vê identificado a seu organismo total e, consequentemente, diferenciado ao meio em que vive. Dessa forma, o indivíduo começa uma reflexão sobre sua existência e se observa finito perante o mundo e, a partir dessa visão finita, surgem os confrontos entre o ser e o não ser. A partir do momento em que o ser é possível, cria-se sua antítese, o não-ser, nesse caso, interpretado pelo homem como a morte (WILBER, 1998). Assim surge, dentro desse mesmo espectro, o segundo processo de dualismo, o Dualismo Secundário, em que o homem vai desmembrar a unidade vida e morte, criando assim uma guerra subjetiva da vida (apoiada e defendida com todas as forças) contra a morte.

As consequências dessa segunda forma de dualismo acontecem quando o homem, ao se projetar dentro da unidade vida-morte, passa a vangloriar a vida em detrimento da morte e, conseqüentemente, passa a projetar a morte para um futuro passando a viver a mercê dessa relação. Essa ideia de morte no futuro, como causadora de temor para a vida, faz o homem perder a dimensão do agora em sua vida cotidiana. O eterno presente, então, passa a ser considerado pela subjetividade: passado, presente e futuro (WILBER, 2010).

Essa mudança de consciência em relação ao tempo, onde de início vivia a cada momento como se fosse o último, o único e depois ocorreu a transformação em passado, presente e futuro, no tempo cronológico, foi uma perda da autenticidade da sua existência, pois cria-se, a partir desse rompimento, uma dependência de viver fora do Presente Eterno, característica de experiência da consciência no Nível da Mente. Como Wilber (2010, pag. 101):

O Dualismo Secundário (...), porque desmembra a unidade da vida-e-morte, desmembra simultaneamente a unidade do Momento Eterno. Pois a vida, a morte e a eternidade são uma só neste Agora intemporal. Em outras palavras, a separação da vida e da morte, final e intimamente, é o mesmo que a separação do passado e do futuro, e isso é o tempo (WILBER, 2010, pag. 101)!

Dessa forma, junto ao dualismo secundário, cria-se imediatamente a noção de tempo cronológico e, com isso, gera a angústia humana de não ter vida. E essa angústia de não viver, cria uma incapacidade na forma de existir humana de aceitar a morte como ela se apresenta, ou seja, como parte da vida (WILBER, 2010). A consequência dessa mudança de percepção é a criação de uma imagem idealizada de si, o que pode ser chamada de eu. Resumidamente o homem, a partir da dualidade vida e morte, se apegam a uma imagem idealizada que não lhe deixa explícita sua finitude, ou seja, sua psique e, dessa forma se desidentifica com seu soma, ou corpo.

A ideia não mutável de um ego dá uma esperança ao homem em frente a angústia de encarar a noção de morte e, pode-se, dessa forma, falar que a fuga do homem da morte é similar a fuga do homem a uma noção de corpo, por sua explícita finitude. Com isso criam-se ideias da imortalidade da alma, ou seja, de um ego que conseguiria ainda existir sem a presença de um corpo físico.

Como forma de fugir ainda dessa noção de mortalidade do corpo, o homem, que ainda está identificado a esse modelo psicossomático de existência, passa a se identificar com apenas representações puramente mentais e estáticas da sua existência. Surge, assim, o Nível do Ego a partir de um terceiro rompimento, o Dualismo terciário. Com a esperança de conseguir controlar seu corpo perante a morte e situações angustiantes da vida cria uma noção egóica,

ou seja, uma noção de eu (ego), localizado agora, não no interior de sua pele como no Nível Existencial, mas agora no interior de sua representação acerca de si mesmo. Cortando todas as formas possíveis de contato com um pensamento não-dual da realidade (WILBER, 2010).

Passa a considerar, então, o corpo como uma máquina, uma ferramenta que trabalha e cuida a todo o momento de sua vida, mas sem se identificar como tal. Nesse momento, ele limita seu mapa mental de identificação para o interior do ego, ou seja, de uma imagem mental ilusória em que se reconhece totalmente. O indivíduo, destarte, se encarcera dentro dessa representação estática e vive da racionalidade atribuída pela retomada de aspectos mnemônicos criando uma realidade organizada e controlada por seus conceitos, puramente dualísticos e a chama de realidade ou verdade. Dessa forma o ego “controla o tempo” criado anteriormente por uma forma dualística de saber (WILBER, 2010).

A esse processo de identificação do homem com somente uma parte virtual de seu ser, ou seja, sua criação mental que denominou de eu, Wilber vai chamar de Dualismo Terciário. Processo esse que gerará o Nível do Ego, como foi ressaltado no capítulo anterior. Saldanha (1999) também ressalta que, a partir da repressão de nosso ser mais genuíno, desenvolvemos o ego como constructo artificial com base no que é reconhecido pelo outro, ou seja, o outro nos ajuda a solidificar a noção egóica.

Para a formação do Nível da Sombra e completar a sua análise do processo de formação do espectro da consciência no ser humano, Wilber (2010) disserta em seu livro que acontece ainda um último processo de divisão, uma quarta cisão no saber e no modo de experienciar humano que ele chamará de Dualismo Quaternário. O dualismo quaternário se dá quando as mensagens e experiências notadas pelo humano são codificadas errônea ou incompletamente durante as suas vidas e, de certa forma, não são entendidas em toda sua complexidade.

O ser humano está imerso em um sistema de crenças e valores sociais que são atribuídos naturalmente a partir de sua nascença. Porém, diversos tipos de emoções ou sentimentos naturais são condenados ou reprimidos por esse meio social em que está inserido, dessa forma, passa a reprimir certos tipos de comportamentos e sentimentos por condená-los moralmente (WILBER, 2010). Essa repressão de emoções e sentimentos baseado em conceitos externos e impostos faria com que, em certo momento, deixasse de identificar com ele, como expostos por Wilber (2010, pag 116):

Com efeito o indivíduo separa facetas da própria psique, facetas que agora percebe existirem fora dele, geralmente em outras pessoas. O indivíduo tem a correta percepção dessas facetas, ideias emoções, impulsos, qualidades e outras mensagens, mas os seus processos metacomunicativos *identificam incorretamente a fonte das mensagens*, de modo que o indivíduo renega e aliena aspectos de si mesmo e depois os projeta ou parece percebê-los no meio ambiente (WILBER, 2010, pag 116).

Essa última cisão faz o homem renegar parte de seu próprio ego, causando assim projeções de aspectos seus em outros que, como consequência, gerará incômodos significativos para a sua psique, fora várias doenças e sofrimentos mentais.

Contudo para Wilber a formação do espectro se dá simultaneamente em todos os momentos na vida do homem, ou seja, não há uma temporalidade específica na vida humana em que acontecem tais rompimentos dualísticos, mas sim, elas são ressaltadas e reforçadas em todo momento e se confirma como parte construtiva da psique.

Todo esse processo de construção do espectro da consciência humana ajudará a reflexão sobre as formas adequadas de tratamento para cada Nível do Espectro e como se dará esse tratamento. Questão que será trabalhada no próximo capítulo.

2.2 Processo de Expansão da Consciência

O processo de expansão da consciência, para Wilber, é construído de maneira inversa a formação dos níveis da consciência, surge como movimento de quebra, de cisão dos dualismos antes criados para a formação e consolidação do espectro. Ou seja, se para a formação da consciência foi necessário criar, sucessivamente, mapas mentais limitando a identificação do ser humano com aspectos de sua psique, para ocorrer o processo de expansão da consciência, ou seja, de adentrar aos níveis mais profundos da consciência, é necessário o indivíduo modificar seus limites para abranger, cada vez mais, aspectos negados de seu todo até chegar o mais próximo possível da experiência não-dual com o mundo (WILBER, 2010).

O sofrimento para o ser humano, então, surge como consequência de sintomas inicialmente no Nível da Sombra. Porém, vale ressaltar que, para a Psicologia Transpessoal, quando o indivíduo sofre de alguma forma é considerado um sinal, um aviso de que há um grande descontentamento com algum aspecto de sua vida e que seria necessária certa movimentação para o desenvolvimento pessoal, uma expansão da consciência visando a cura ou tratamento de algum problema estagnado. O sofrimento é considerado, dessa forma, uma força de propulsão para um desenvolvimento holo-espiritual, como uma faísca criativa que surge impulsionando a mudança no sujeito. (DAHLKE, R.; DETHLEFSEN, T., 2002)

O sofrimento, dessa forma, é o sentimento consequente do sintoma, mas para o melhor entendimento do sintoma, é necessário o regresso a alguns conceitos anteriormente explicitados.

No Nível da Sombra, como dito anteriormente, o ser humano projeta aspectos que nega ou não consegue enxergar em si em outras pessoas. Ao projetar no outro: sentimentos, sensações, impulsos que não aceita em si, cria um distanciamento do problema, porém, o que não percebe é que, de alguma forma, aquelas atitudes ou ocasiões que julga ser a causa de seu sofrimento, são, na realidade, modos de se afetar por algum aspecto inconsciente que não acha suportável encarar. Porém, nem todos os sentimentos em relação aos outros ou ao meio são aceitáveis social ou moralmente, e por essa razão, o indivíduo tende a sentir esses impulsos projetivos, porém conscientemente pelas questões sociais ou morais que os envolve e constitui acaba os negando.

A negação desses impulsos projetivos, devido a inúmeros motivos, o faz redirecionar a energia para si em forma de sentimentos destrutivos como culpa, medo, pressão, rejeição, dentre outros, causando assim sintomas e, como consequência, sofrimento (WILBER, 1998). O indivíduo, em vez de projetar seus sentimentos nos outros, tende a voltar para si o sentimento inverso da projeção, possivelmente causando grandes transtornos e problemas para si. Esses sentimentos inversos se dão pela característica da sombra de cada sentimento expresso pela pessoa, ou seja, tem uma emoção projetada.

Muitos terapeutas dedicados a essa área de estudo costumam, em seus trabalhos, interpretar certos tipos de queixas e angústias de forma inversa a que elas aparecem explicitamente, por exemplo, quando uma pessoa chega a um consultório com queixas de medo sobre alguma situação pode significar, então, que esta está com hostilidade canalizada para si mesmo, assim, todas as queixas podem ser interpretadas com o inverso querendo se manifestar. Wilber (1998) traz uma tabela para exemplificar alguns sentimentos e seu correlatos:

Tabela 1 Quadro de Sentimentos e Correlatos das sombras

Tabela 1

*O SIGNIFICADO COMUM DE VÁRIOS
SINTOMAS DA SOMBRA
Um Dicionário para Traduzir Sintomas para Suas Formas
de Sombra Originais*

SINTOMA	Traduzido para	SUA FORMA DE SOMBRA ORIGINAL
Pressão		Impulso
Rejeição (“Ninguém gosta de mim”)		“Eu não levantaria um dedo por eles!”
Culpa (“Você me faz sentir culpado”)		“Eu me ressinto de suas exigências”
Ansiedade		Excitação
Inibição (“Todo o mundo está olhando para mim”)		“Estou mais interessado nas pessoas do que penso”
Impotência/Frigidez		“Eu não vou lhe dar esse gosto”
Medo (“Eles querem me ferir”)		Hostilidade (“Estou zangado e ataco sem saber por quê”)
Triste		Furioso!
Retraído		“Vou repelir você!”
Não posso		“Não vou fazer isso, droga!”
Obrigação (“Eu tenho de”)		Desejo (“Eu quero”)
Ódio (“Eu o desprezo por X”)		Fofoca autobiográfica (“eu não gosto disso em mim mesmo”)
Inveja (“Você é tão formidável”)		“Eu sou um pouco melhor do que penso”

Fonte: Wilber, 1998

Para um encaminhamento terapêutico, então, o aconselhado em terapia é a pessoa, primeiramente, passar por um processo de aceitação e consciência de todos os sintomas que a faz sofrer e tentar vivenciá-los em todos os seus aspectos. Deixá-los aparecer e tentar entendê-los com toda a consciência possível no processo, para começar a colocar luz na sombra do sintoma (WILBER, 2010). Ou seja, o sofrimento que se sente pode ser um grande facilitador no reconhecimento dos motivos reais que nos levam a procurar mudanças para as reais causas do sofrimento.

Esse processo de expansão da consciência pode ser considerado uma mudança de nível de consciência, do Nível da Sombra para o Nível do Ego. Quando a pessoa passa a aceitar e a reconhecer os seus aspectos da sombra que estão identificados em outros e passa a reconhecê-los como sendo parte de seu ser, de sua existência, de sua vida e pode, com isso, passa a ter um ego mais fortalecido. Por essa razão, no Nível do Ego, a pessoa alcança uma expansão de consciência para aceitar seus aspectos negativos e positivos e, assim, começa a entender que cria o que a faz sofrer, e essa criação se dá a partir do momento em que não aceita parte de seu ser antes obnubilada (WILBER, 2010).

Muitas escolas de Psicologia trabalham no interior dessa área, com um principal objetivo de fortalecimento racional do ego, a principal delas e a mais conhecida é a Psicanálise, de Sigmund Freud.

Apesar de ser considerada por Wilber (1998) “cara e demorada”, ainda assim é a área de maior construção intelectual acerca do tema e uma das que mais exploram o ser humano levando em consideração suas projeções inconscientes no outro como forma de sintoma (WILBER, 1998). Porém pelo seu caráter cético em relação a aspectos transcendentais, a psicanálise acaba desconsiderando manifestações relativas a níveis mais expandidos da consciência, os chamando apenas como forma de sintoma a ser tratado.

A partir da identificação de seus sintomas e sombras, o indivíduo conclui seu primeiro passo em seu desenvolvimento pessoal. Como seu ego está mais fortalecido, tem mais clareza das suas aflições, cegueiras mentais, dos mapas mentais que lhe causam sofrimento, de suas projeções e sentimentos em relação aos outros, porém ainda assim está identificado a uma forma mental de construção da consciência. A partir desse primeiro movimento de crescimento pessoal a pessoa busca no meio ambiente e na sociedade em que vive possíveis respostas para seus tipos de sentimentos e ações (WILBER, 2010).

Esse contato com as Faixas Biossociais é o primeiro indício de uma continuação do seu processo de evolução, pois ao se perguntar a respeito do que lhe influenciou biológica e socialmente, cria-se uma amplitude nas reflexões acerca de seus processos internos. Essa reflexão levará a pessoa a perceber que ela compõe e constrói o meio tal como ele a constrói, passa a perceber que sua relação com sua história, com as pessoas que estão lhe circundando, que seu corpo físico, que as relações sociais estabelecidas por sua cultura também são grandes influenciadores e indicativos de suas ações.

Esse reconhecimento de pertencimento a uma sociedade ou a um corpo biológico finito ajuda-o a avançar em seu processo e, aceitando e analisando as interferências, incluindo em sua vida como parte construtiva de sua personalidade, torna mais abrangente suas delimitações em seus mapas mentais de pertencimento e identidade. Esse processo indica o início da passagem do Nível do Ego, onde ser o humano está identificado somente com seu ego, ou seja, construção mental sólida e individual, para uma construção mental biológica e coletiva, pois passa a considerar a sociedade fazedora de parte de sua psique tal como vê-la como igual por possuir características biológicas muito semelhantes (WILBER, 2010).

³ Sigmund Freud foi um médico neurologista e criador da Psicanálise.

A partir da identificação com esses aspectos mais coletivos de psique e com questões biológicas o ser humano passa a observar mais seu corpo, sua relação com ele se torna diferente pelo fato de se sentir mais completo em relação a aspectos não antes experienciados e passa a identificar sensações, sentimentos, expressões, antes fadadas a questões racionais, em si. Essa identificação o ajudará num processo de desenvolvimento da relação com seu corpo, antes desprezada por suas racionalizações construtivas de sua vida.

Esse processo é identificado como a entrada do ser humano ao Nível Existencial, ou seja, o rompimento de mais um dualismo constitutivo do espectro da consciência. Esse rompimento e entrada a um novo nível, que é caracterizado pelo contato mais íntimo do ser com seu corpo, eliminando, dessa forma, a ideia de que o seu eu está localizado no interior de sua cabeça ou ego, mas sim no dentro de sua pele (WILBER, 1998).

A partir da quebra desse dualismo o indivíduo se vê inteiro, corpo-mente. Essa união proporciona um novo olhar sobre a sua existência, pois permite a expansão das percepções relativas a demonstrações que o corpo dá a todo o momento, por exemplo, dores e impulsos. A partir dessa relação diferenciada com o corpo, a pessoa se sente identificada com algo maior, de mais completude. Passa a ser o centauro e, por essa razão, começa a ter mais autoconsciência corpórea e a se perceber em seus impulsos, deixando o julgamento racional ser apenas uma parte de toda a sua percepção de mundo, não a principal. (WILBER, 1998)

Após esse movimento de contato com o ser orgânico, a pessoa pode passar a ter contato com experiências diferenciadas a respeito da sua existência, os seus questionamentos existenciais se acerbam e, junto à procura de respostas para questões a respeito da vida e da morte, possam surgir experiências de caráter transpessoal, como já descrito anteriormente, o surgimento dessas experiências caracterizam um contato com um novo nível de consciência, as Faixas Transpessoais (WILBER, 1998).

Esse período do desenvolvimento da pessoa é um dos períodos de transição mais conturbados emocionalmente por entrar em contato com experiências não antes presenciadas, pode sentir uma espécie de susto, de estranhamento da realidade, o que levará a pessoa, dependendo dos encaminhamentos de significantes que tiver, se tiver, a perceber essas realidades de maneiras diversas, desde um surto até uma experiência espiritual (WILBER, 2010).

A última passagem de nível é o encontro do homem ao Nível da Mente, esse avanço máximo que o ser humano pode alcançar, onde ele se sente pertencente ao todo, a uma realidade indivisível que dará um novo modo de olhar a realidade, até então considerada irreal para ele.

Pode ser considerada a quebra da Dualidade Primária, onde o ser se sente fazendo parte de toda a vida existente no Universo.

Sua consciência, nesse Nível, está expandida para além dos limites corpóreos de seu corpo físico, tem a sensação muito semelhante a descrita antes como Experiências Culminantes de Maslow. Quando atinge esse nível de percepção da realidade passa a vivenciar o mundo em um eterno presente, um eterno vivenciar o agora com toda a consciência desse ato. Muitas escolas orientais falam a respeito desse sentimento de pertença com o todo indivisível, por exemplo, **o Budismo que considera Iluminação o processo de rompimento com todas as bolhas de ilusão que nossa mente cria durante nossa existência por meio da racionalidade, A consciência Brahman, no hinduísmo, desconsidera o contato com o todo igual ao contato com o divido, que está presente em todas pessoas.**

Os problemas, dessa forma, se tornam irrisórios perto da sabedoria, capacidade e força para superá-los, tal como não vê o outro como um inimigo em potencial, mas sim o observa como um igual, ser constituinte de toda a sua psique, direta e indiretamente.

3 MORTE E RENASCIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Dentre vários conceitos da psicologia transpessoal que dão alicerce ao conhecimento do ser humano em sua forma holística, o processo de morte e renascimento é uma conceituação de suma importância para o entendimento da evolução da consciência e de como esse desenvolvimento interfere nas mudanças constitutivas ocorridas durante a vida humana. Para a melhor compreensão desse fenômeno, que pode ser experienciado explicitamente na clínica psicoterápica, tal como nas vidas cotidianas das pessoas, será de grande importância, anteriormente, a familiarização com o conceito de vida para a Psicologia Transpessoal.

Saldanha (1999) chama de vida todas as formas de existência, ou seja, para ela, vida é tudo, é energia em movimento. Para a autora, vida é um processo que não é possível delimitar onde começa ou termina, no qual o nascer e o morrer fazem parte de um mesmo seguimento. Por essa definição, podem-se considerar fenômenos como consciência e existência também como vida.

Pierre Weil (1991, pag .88), em um de seus trabalhos, também expôs certas características conceituais para vida, como:

Existem sistemas energéticos inacessíveis aos nossos cinco sentidos, mas registráveis por outros sentidos;
Tudo na Natureza se transforma e a energia que a compõe é eterna,
A vida começa antes do nascimento e continua após a morte física;
A vida mental e espiritual forma um sistema suscetível de se desligar do corpo físico;
A vida individual é totalmente integrada e forma um todo com a vida cósmica;
A evolução conseguida durante a existência individual continua após a morte física (WEIL 1991, pag .88).

Com essa noção inicial, pode-se considerar uma quebra da percepção da vida como um período em oposição à morte, ou seja, a vida sendo consciência e a consciência estando em constante mutação e desenvolvimento até após a morte física. Dessa forma, não se caracteriza exclusivamente pelo período entre o nascimento e a morte. Para Saldanha (1999) o que pode concluir a partir dessas premissas é que, para a teoria Transpessoal tal como para muitas tradições sapienciais, a psique não está localizada dentro de espaços e tempo limitados.

No nível da consciência, porém, o indivíduo, em sua existência, presencia inúmeros processos de morte, ou seja, processos de superação de estados anteriores de consciência que lhe provocavam certo sofrimento para um descobrimento de uma forma de consciência superior, libertadora, esse processo é chamado de nascimento.

Stanislav Grof (1994) relata em seu livro “Mente Holotrópica” das dificuldades da aceitação do processo de morte do ego. Processo que, para ele, se relaciona a uma batalha para o crescimento pessoal da consciência semelhante ao período de vida do feto no interior do útero, como expressa Bertolucci (1991, pag. 54):

Stanislav Grof (...) cuja Teoria de Matrizes Perinatais tem exatamente o sentido de indicar a semelhança entre o nascimento biológico e o nascimento espiritual, esse último repetindo, em nível superior e transcendente, o sofrimento e a libertação que constituem o nascimento físico (Bertolucci, 1991, pag. 54).

Porém como em todo nascimento biológico, há diversos sentimentos contraditórios envolvidos no processo de morte e renascimento do ego, ou seja, no nascimento espiritual. E o principal desses sentimentos é o medo.

O medo é um sentimento de grande importância a ser superado pela pessoa nesse período de transição do nível da consciência. Grande parte dos medos está relacionada a construções durante a infância, elaborações relacionadas à separação da relação inicial simbiótica com a mãe. A criança geralmente tem medo de ser abandonada, receia estar sozinha e impotente em frente a um mundo desconhecido e amedrontador. Dessa forma se apega a relações simbióticas com as pessoas que lhe dão uma sensação de completude, de totalidade (BERTOLUCCI, 1991).

Essa incompletude se manifesta na vida adulta com apegos a papéis, ora pessoais, ora profissionais. Papéis esses identificados de forma radical, proporcionando, assim, uma noção de completude e realização em relação a sua vida. Porém, sempre esperando uma forma de retribuição da energia investida. Um processo explicitamente egóico, de busca inconsciente de reconhecimento pelos seus atos por um outro externo, o que reforça ainda mais essa identificação, ou seja, com seu ego (BERTOLUCCI, 1991).

Quanto mais identificado os papéis a um ego racionalmente estruturado e mantendo relações simbióticas com o mundo, mais o sujeito que está em fase de transição de nível de consciência, criará medos e repressões em relação a esse processo de mudança. O processo de morte e renascimento aparenta, para a pessoa, uma grande batalha cheia de dificuldades, repressões e sofrimentos.

⁴ Stanislav Grof é um psiquiatra checo que desenvolveu nos Estados Unidos pesquisas sobre os estados alterados de consciência (EAC), através de experiências com o ácido lisérgico, LSD, como meio de atingir esses estados

Essa batalha ou dificuldade para aceitação da morte de um antigo sujeito para o nascimento de uma nova pessoa acontece devido a diversas formas de construções mentais importantes para a saúde psíquica do sujeito na existência anterior e, desta forma, funcionam como repressoras para o alcance de novas experiências, novos modos percepção da realidade.

Bertolucci (1991) diz que racionalizações realizadas pelo ego funcionam como repressoras de mudanças ou defesas da própria estrutura para sua superação.

Como forma de transcender essas repressões a pessoa necessita tomar consciência de todos os aspectos que estão atrapalhando sua evolução espiritual, aceitar todas as suas inseguranças e reconhecer todos os possíveis benefícios que podem aparecer em sua vida após seu novo nascimento. Bertolucci (1991, pag. 52) diz que para transcender o medo e a incompletude de uma mudança requer:

- 1) Conhecimento e vivência do medo para não haver recuo diante dele, pois, caso contrário, nossa tendência “reacionária” será de reestruturar ainda mais fortemente as defesas;
- 2) O desenvolvimento de aspectos superiores de nossa “humanidade”, cuja forma e conteúdo deverão ser particular a cada indivíduo, de acordo com suas características pessoais, com suas necessidades de “reparação” e desenvolvimento (BERTOLUCCI, 1991, pag. 52).

Essas necessidades ressaltadas pela autora são de extrema importância para o enfrentamento do período conturbado da morte. Porém outra autora renomada na área trabalhou com o tema do encarar uma morte física ou simbólica. Kubler-Ross (1995), em suas pesquisas, descreve as fases do processo de luto após uma morte física, que podem ser fortemente correlacionados com a experiência da morte espiritual. São eles: 1) Negação 2) Revolta 3) Barganha 4) Depressão 5) Aceitação.

Porém não são somente sentimentos ruins relacionados à mudança que são envolvidos no processo de morte e renascimento. Para Bertolucci (1991) durante esse processo, ora as pessoas vivenciam o medo, ora vivenciam aspectos harmônicos da realidade em que nunca tinham entrado em contato anteriormente, ora conteúdos inconscientes que eram reprimidos se tornam visíveis. Porém o resultado final desse processo é o surgimento de um novo indivíduo.

A passada por esses processos durante a vida, geralmente não ocorrem de forma abrupta para quem os experiencia. Bertolucci (1991) ressalta que é necessária uma reestruturação e adaptação da vida após essas transições, o que demandaria tempo, energia e persistência da

pessoa durante esse período de mudanças para uma concretização definitiva da entrada da pessoa em modelo de consciência mais expandido.

De maneira geral as pessoas estão em constantes processos de mortes e renascimentos do ego em seus cotidianos, visto a transitoriedade do mundo e da vida, como podemos ver em Saldanha (1999, pag. 47):

O desenvolvimento do ser humano em cada existência é galgado através de mortes e renascimentos, começando pela morte da vida intra-uterina para ganhar mais luz, mais espaço e novas experiências; continuando pela morte do aleitamento materno para renascer aos novos sabores dos demais alimentos; seguida pela morte da dependência simbiótica com a figura materna para conquistar um mundo novo, através do engatinhar, do andar e do falar, e do relacionar-se com outras pessoas (SALDANHA, 1999, pag. 47).

Pode-se dizer, então, que o processo de Morte e Renascimento do Ego corresponde ao momento específico de desenvolvimento e expansão da consciência durante a vida. Um rompimento com aspectos anteriores de se experienciar a vida para uma abertura de perspectivas que envolvem novas experiências, novos entendimentos, novos sentimentos em relação ao mundo. Em suma é o nascimento de um novo indivíduo, em uma realidade mais sutil, mais próxima de aspectos espirituais da vida.

4 O CONCEITO DE MORTE E RENASCIMENTO EM KEN WILBER

A relação observada entre o trabalho do filósofo Ken Wilber com o conceito de Morte e Renascimento se inicia por um ponto de grande importância. O aspecto de transitoriedade dos eventos na vida humana, ou seja, a constante mudança física e mental que todas as pessoas passam durante suas vidas. Essa característica é descrita em Wilber (2010) quando compara e reafirma o fluxo dos processos da vida com o conceito de impermanência budista, no qual é defendido que nada na vida é permanente, tudo está em constante mutação, fazendo parte de um constante momento de agora. Esse pensamento é encontrado também em Heráclito, um filósofo ocidental pré-socrático, e explicitado por Platão (OS PENSADORES, 1996), em seu diálogo Crátilo, quando expõe que a pessoa não entra duas vezes no mesmo rio, pois, por estarem sempre em mudança, nem a pessoa e nem rio seriam o mesmo durante o segundo banho.

Dessa forma, uma constante mutação é característica natural da existência humana e se ligaria a movimentos de superação de antigos “eus”, antigas personas, para o surgimento de novas pessoas, ou seja, uma evolução progressiva da consciência em processos de morte e renascimento do ego durante toda a existência. Para o desenvolvimento da consciência em Wilber (2010) é preciso, também, um desapego a atributos anteriores do ser para o surgimento de outra forma de enxergar o mundo, quando se há uma mudança no Nível da Consciência.

Por essa razão, a mudança do nível de consciência, em Wilber (2010), não acontecerá tranquilamente, mas sim a partir de um impulso inicial surgido de um descontentamento, um sofrimento relacionado a uma forma específica de perceber e reagir às questões que envolvem algum aspecto do cotidiano do indivíduo. Esse sofrimento se demonstrará em diversas fantasias e máscaras, aparecerá nas emoções negativas direcionadas a um objeto, em projeções negativas ou em todas ao mesmo tempo. Em comparação ao processo de Morte e Renascimento, pode-se chamar essa etapa de Morte.

A morte serviria, dessa forma, como um impulso à mudança, um desconforto existencial aliado a uma vontade de evolução espiritual (GROF, 1994). Essa fase estaria muito relacionada a momentos de crise existenciais e relacionais, momentos de confusão onde acenderiam os questionamentos a respeito de hábitos e valores existentes em sua vida e que não se encaixam mais ao tipo de desenvolvimento da consciência alcançada (BERTOLUCCI, 1991).

Porém para sair do processo de morte e alcançar o renascimento, a pessoa necessita desapegar de aspectos constitutivos do nível de consciência anterior para uma passagem tranquila para

um novo nível (WILBER, 2010). Por exemplo, uma pessoa que passa a enxergar as suas projeções negativas nas pessoas que convive em seu cotidiano geralmente tem dificuldades de aceitar tais características em si. Porém ao aceita-las também como constituintes de si e a apreciar esses atributos, passa a não projetá-las em outros e, para que essa mudança de pensamento seja efetiva, precisa desapegar de sua autoimagem sólida que não permitiria, em si, tais características anteriormente projetadas.

Por essa razão o processo de morte é trabalhoso, sofrido, porém com um objetivo maior da construção de um novo ser, um renascimento para uma nova existência. Esse conceito de mudança pode ser encontrado no texto de Wilber (1998) quando é mencionado o alcance das evoluções e das expansões da consciência durante certa existência, mudanças dolorosas, mas de grande impacto para a subjetividade do indivíduo que passa pela experiência de desconstrução de um ser para a reconstrução de um novo.

Todo o sofrimento encontrado no momento da morte do ego é recompensado pelo momento de distensionamento do ser, ou seja, a libertação para uma existência mais abrangente e autêntica, mais próxima ao Nível da Mente ou contato com o todo. E partir do prosseguimento de várias etapas de morte e renascimento o ser humano expande seus limites identificatórios e evolui.

Dessa forma, pelas características similares encontradas nas descrições de ambas as teorias, pode-se afirmar que durante um processo de expansão da consciência, a pessoa passará por pelo menos quatro processos de morte e renascimento do ego onde características do seu ser, inicialmente limitado, irão se expandir em direção ao Nível da Mente. Isto é, se aproximando da experiência de consciência não-dual, de encontro com o sagrado que está no alcance de cada um.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia Transpessoal, por ser uma área em constante construção intelectual, possibilita diversas ligações teóricas não antes consideradas pelos estudos. Por isso o trabalho nessa área é de grande gratificação apesar de sua dificuldade relativa à pobre bibliografia.

Ken Wilber, como sua cartografia da consciência, facilitou o entendimento da área da Psicologia Transpessoal e abriu espaços para novos tipos de investigações, inclusive a do presente trabalho. A relação do conceito de Morte e Renascimento com a cartografia elaborada por Ken Wilber então, não foi de grande dificuldade pelas descrições similares das experiências humanas nas transições de estados de consciência comparadas com as descrições dessas mesmas experiências durante o processo de morte e renascimento do ego.

A importância dessa relação está na demonstração de possíveis investigações e conceitos similares, para uma possível unificação de teorias que embasam o conhecimento da Psicologia Transpessoal. O que ocasionará na construção de um Movimento Transpessoal conciso no qual tais teorias poderiam se relacionar sem haver anulação de validade entre ambas.

Porém como ainda é uma área do conhecimento em construção, e como foi utilizado apenas trabalhos iniciais da carreira de Ken Wilber, mais estudos sobre essa relação seriam necessários, com outras bibliografias, para a expansão do entendimento do fenômeno da consciência e seus processos de mudança durante a vida.

REFERÊNCIAS

- BERTOLUCCI, Eliana. **Psicologia do Sagrado: Psicoterapia Transpessoal**. 1. ed. São Paulo: Ágora, 1991.
- DAHLKE, R.; DETHLEFSEN, T. **A Doença como Caminho**. 1. ed. Portugal: Pergaminho, Lda, 2002.
- GROF, Stanislav; BENNET, Hal Zina. **A Mente Holotrópica: Novos Conhecimentos sobre Psicologia e Pesquisa na Consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 1 ed. Petrópolis: Vozes. 2000
- MASLOW, Abraham. **Introdução a Psicologia do Ser**. 1 ed. Rio de Janeiro: Eldorado. 1962.
- SALDANHA, Vera. **A Psicoterapia Transpessoal**. 1 ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.
- WEIL, Pierre. **Fronteiras da Evolução e da Morte**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- WEIL, Pierre. **A Consciência Cósmica: Introdução a Psicologia Transpessoal**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- WILBER, Ken. **A Consciência sem Fronteiras: Pontos de Vista do Oriente e do Ocidente sobre o Crescimento Pessoal**. 2 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1998.
- WILBER, Ken. **O Espectro da Consciência**. 7. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2010.